

AS CONSIDERAÇÕES DE SÓLON SOBRE AS FASES DA VIDA: UMA INTERPRETAÇÃO DE SUA POESIA À LUZ DE SUAS OCASIÕES DE *PERFORMANCE*¹

Rafael G. T. da Silva²

Resumo: *As fases da vida são concebidas de diferentes formas nas tradições poéticas da Grécia do Período Arcaico, aparecendo sob matizes que vão desde a ênfase numa visão negativa da existência humana em geral, passando por reflexões acerca das especificidades etárias, até considerações sobre o lado positivo da vida (principalmente das delícias da juventude). Após oferecer um panorama dessa questão, a partir dos cancioneiros atribuídos a Homero, Hesíodo e Mímnemo, faremos uma análise dos posicionamentos que Sólon adota em seus versos supérstites. Apesar de apresentar diferentes concepções e valores acerca das idades humanas, propondo até um esquema etário inédito no âmbito da cultura grega arcaica, tentaremos entender suas propostas para além das possíveis contradições, em diálogo e diferença com a tradição: para isso, consideraremos o fato de que o contexto de performance preferencial de suas elegias é o banquete [sympósion], e que preocupações políticas amiúde guiam seus versos. Com o objetivo de oferecer uma interpretação historicamente fundamentada desse material, bem como uma compreensão mais arguta dos posicionamentos de Sólon, vamos levar em conta alguns fragmentos de seu corpus.*

Palavras-chave: *Poesia grega do Período Arcaico; Sólon; Experiência do tempo; Idades.*

SOLON'S CONSIDERATIONS ON THE STAGES OF LIFE AN INTERPRETATION OF HIS POETRY IN VIEW OF ITS PERFORMANCE OCCASIONS

Abstract: *The stages of life are conceived in different ways in the poetic traditions of Archaic Greece, appearing in nuances that range from an emphasis*

¹ Recebido em 13/02/2025 e aprovado em 30/04/2025.

² Professor de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Aracati, bacharel em Grego antigo, licenciado em Português-Francês na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre e doutor em Letras (UFMG), além de ter realizado estágio de pós-doutorado em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8985-8315>. E-mail: rafael.silva@uece.br

on a negative view of human existence in general, through reflections on the specificities of age, to considerations on the positive side of life (mainly the delights of youth). After offering an overview of that question, based on the verses attributed to Homer, Hesiod, and Mimnermus, we analyze the positions adopted by Solon in his surviving poetry. Despite presenting different conceptions and values about human ages, even proposing a new age scheme in archaic Greek culture, we will attempt to understand his proposals beyond their possible contradictions, in dialogue and difference with tradition: to this end, we will consider the fact that the preferred performance context of his elegies is the banquet [symposion], and that political issues often guide his verses. In order to offer a well-founded historical interpretation of this material, as well as a more astute understanding of Solon's positions, we will take into account some fragments of his corpus.

Keywords: Archaic Greek poetry; Solon; Experience of time; Ages.

A concepção das fases da vida recebe diferentes tratamentos em alguns dos principais cancioneiros compostos na Grécia do Período Arcaico, aparecendo sob matizes que vão desde a ênfase numa visão negativa da existência humana em geral e reflexões acerca das especificidades etárias até considerações sobre o lado positivo da vida (principalmente das delícias da juventude). Os versos atribuídos a Homero combinam frequentemente uma visão negativa da velhice com um elogio da juventude, como aparece nas palavras e ações de Nestor e Príamo, na *Iliada*, ou nas de Laerte, na *Odisseia*. Assim interpretamos, por exemplo, o trecho famoso em que Príamo tenta admoestar seu filho Héctor a se abster da luta contra Aquiles, afirmando o seguinte (*Iliada*. 22.56-76, trad. Frederico Lourenço):

*“[...] Entra cá para dentro, meu filho, para salvares
os Troianos e as Troianas e para não dares grande glória
ao Pelida, privando-te a ti próprio da vida amada.
Além disso tem pena de mim, um desgraçado que ainda sente;
um malfadado, a quem o pai Cronida na soleira da velhice
matará com um triste destino, depois de ter visto muitos horrores:
os meus filhos a morrer, minhas filhas a serem arrastadas,
minhas câmaras de tesouro pilhadas e crianças inocentes
a serem atiradas ao chão em aterradora chacina
e as minhas noras arrastadas pelas mãos funestas dos Aqueus.
A mim próprio, por último, às portas primeiras dilacerarão
os cães esfomeados, depois de alguém pelo bronze afiado
com estocada ou arremesso me privar da vida – os cães*

*que no palácio eu criei à minha mesa para guardarem as portas:
depois de em estado de loucura terem bebido o meu sangue
jazerão aos meus portões. Tudo fica bem ao homem novo
chacinado na guerra, quando jaz golpeado pelo bronze afiado.
Morto embora esteja, tudo nele é belo, tudo o que está à vista.
Mas quando os cães profanam vergonhosamente a cabeça grisalha
e a barba grisalha e os membros genitais de um velho morto,
isso é a coisa mais angustiante que existe para os pobres mortais.”*

Não refletiremos aqui sobre a contradição que há entre o pedido do velho Príamo – solicitando que seu jovem filho se abstenha da luta – e aquilo que o final de seu discurso afirma. Seu intuito é sugerir que o velho rei precisará de Héctor no futuro, para protegê-lo quando acontecer o último assalto contra Troia, ainda que uma interpretação mais direta de suas palavras indicasse justamente a conveniência de que Héctor ficasse na frente de batalha para enfrentar Aquiles, independentemente do resultado desse embate.

Ao trazer esse trecho, contudo, nosso intuito é refletir sobre o que ele nos revela acerca de uma concepção das idades humanas no repertório homérico. Ao contrário do que propõe Jean-Pierre Vernant em seu célebre artigo sobre “A bela morte [...]” (1978), não entendemos que esse elogio da beleza do cadáver de um jovem morto em combate seja a manifestação de uma visão segundo a qual “a morte sangrenta, bela e gloriosa quando inteiramente jovem, elevava o herói acima da condição humana; arrancava-o do traspasso comum conferindo a seu fim um caráter de fulgurante sublimidade” (Vernant, 1978, p. 49-50). Essa ideia de uma santificação por meio da morte parece-me uma leitura imprecisa da *Iliada*. Afinal, para colocar nos termos brutais com que Teodoro Rennó Assunção (1994, p. 53) resume sua nota crítica à “bela morte vernantiana”: “a glória da morte cabe a quem mata e não a quem é morto”. Ou seja, não acreditamos que haja nas palavras de Príamo uma idealização da morte em combate (nem da morte em combate durante a juventude).

De que se trata então? Por um lado, de entender que há atividades próprias a cada grupo etário: ao jovem é próprio expor-se aos riscos da guerra (com o objetivo de proteger a pólis, matar o inimigo e assim conquistar glória em combate), ainda que alguns eventualmente percam a vida no processo e devam ser honrados por terem assumido o risco (não por terem sido mortos); ao homem idoso, como aliás à criança, convém ficar longe das

armas e dos combates. Há, aqui, portanto, uma categorização dos grupos etários com base na aptidão (ou não) para as atividades da guerra, como sugerem outros trechos da *Iliada* (3.150: no episódio da *teikhoskopia*; 4.313-6: nas reflexões de Nestor).

Por outro lado, trata-se também de um elogio da juventude, como uma idade plena de beleza, saúde e harmonia; elogio que vem acompanhado de uma censura à velhice, como uma idade de feiura, fraqueza e desarranjo. Essa visão profundamente pessimista da ação do tempo sobre a existência humana é bem característica da Grécia antiga, sobretudo do Período Arcaico. Para reforçar isso, basta levar em conta o quadro negativo que Nestor pinta dos efeitos da idade sobre seu próprio vigor, enquanto relembra seus feitos esplendorosos de juventude (*Iliada*. 11.669 ss.).

Essa valoração é tradicional e duradoura no âmbito da cultura grega, como já sugerido. A ideia de que existam atividades próprias a cada grupo etário aparece em versos célebres de Tirteu (fr. 12.16-19 W, trad. Teodoro Rennó Assunção), nos quais se defende que, independentemente de escapar com vida ou morrer:

*[...] o varão, bem firme, na vanguarda permaneça
sem cessar, e se esqueça de todo da fuga vergonhosa,
arriscando o sopro de vida e o ânimo ousado,
e, postado junto, encoraje com palavras o varão ao lado [...].*

Nesse trecho do repertório elegíaco atribuído a Tirteu, há um claro desenho da formação hoplítica e de suas particularidades no desempenho da luta em falanges bem organizadas, sem destaque para *performances* guerreiras individuais. Da mesma forma, a previsão de glória é pautada na valorização comunal de jovens guerreiros dispostos a colocar a vida em risco em prol da pólis. Mais uma vez, a glória é reservada não em vista da morte em combate durante a juventude, mas sim da disposição para realizar aquilo que é esperado de jovens guerreiros: arriscar a própria vida em prol do bem comum.

A contraparte feminina dessa expectativa para a juventude é o casamento e a reprodução. Aqui, poderíamos remeter aos versos célebres de Eurípides nos quais Medeia afirma orgulhosamente que a parcela de risco assumido pelas mulheres em prol da pólis é a gravidez, três vezes mais temível do que se postar junto ao escudo na frente de combate (Eurípides.

Medeia. 250 s.). Veremos isso logo mais em outra passagem do repertório hexamétrico arcaico.

Podemos citar outros trechos para sugerir que o horror com que Príamo descreve a própria morte não se deve apenas ao fato de que não cabe a um homem velho pegar em armas e arriscar a vida em combate, mas também à concepção de que um corpo velho é feio e não deve ser exposto à vista alheia (seja em combate, seja em outros contextos). Aqui, um breve esclarecimento: enquanto o repertório hexamétrico arcaico (p. ex., os versos atribuídos a Homero e Hesíodo) certamente tem por ocasião de *performance* principal o festival cívico-religioso (como as Panatenais, por exemplo), as elegias costumam ser recitadas no banquete [*sympósion*]. Nesse contexto convivial, delineia-se frequentemente um arranjo binário das idades: por um lado, os homens mais velhos, já de barba, entendidos como responsáveis pelo papel de amante [*erastês*] no interior de uma relação homoafetiva; por outro lado, os mais jovens, ainda não dotados de barba, desempenhando no interior dessa relação erótica a função de amado [*erómenos*]³. Contudo, esse arranjo binário inicial vem a ser complexificado pelo elemento perturbador da velhice, uma vez que um *erastês* muito longo pode se ver na contingência de não estar mais habilitado a desempenhar devidamente a parte que lhe cabe. Vamos ilustrar isso com algumas passagens dos repertórios atribuídos a Mimnermo e Teógnis de Mégara (de fins do Período Arcaico e início do Período Clássico, respectivamente).

Para começar, um exemplo didático do arranjo pederástico dentro do qual a persona de Teógnis delineia o modo como ele próprio se educou, projetando isso como modelo também para Cirno (o amado a quem esses versos se dirigem):

*[E]u te aconselharei benévolo, como eu mesmo,
Cirno, aprendi de homens bons ainda menino.
Age com prudência, e por atos torpes ou injustos
Não te apropries de glória, mérito ou riqueza.
Assim, aprende o seguinte: não busques a companhia
De homens vis, mas apegas-te sempre aos de valor.
Entre eles, come e bebe, e entre eles te assenta,
Agrada àqueles cujo poder é enorme.*

³ Para maiores detalhes e referências bibliográficas, ver: Silva (2022, p. 329 *et seq.*).

*De nobres, aprenderás o que é nobre: mas, se aos vis
Te misturares, até a tua razão perderás;
Ciente disso, reúne-te aos bons, e um dia dirás
Que aconselho bem os meus amigos.*
(Teógnis. 27-38, trad. Rafael Brunhara, mod.)

O elemento erótico desse arranjo pedagógico fica evidente em muitas outras passagens de cancioneiros do Período Arcaico, sobretudo em trechos de Anacreonte, Íbico e Alceu (aparecendo também em versos de temática homoafetiva feminina do repertório de Safo). Mas para ilustrar isso dentro da complexificação que o elemento da velhice insere nesse esquema pederástico, citemos os célebres versos que abrem o repertório elegíaco atribuído a Mimnermo (fr. 1 W, trad. Teodoro Rennó Assunção):

*Que vida e que prazer sem a dourada Afrodite?
Esteja morto, quando não mais me importar isso:
um secreto amor, suaves presentes e a cama,
tais flores da juventude tornam-se colhíveis
por homens e mulheres; mas quando dolorosa sobrevém
a velhice, que torna feio igualmente mesmo um homem belo,
sempre em seu senso o desgastam ruinosas angústias,
e não sente prazer em contemplar os raios do sol,
mas é odioso aos rapazes e desprezível às mulheres;
assim penosa um deus dispôs a velhice.*

Abordando aqui a perda do apetite sexual, a decadência da saúde e da beleza física, esses versos apresentam de forma bastante didática a visão pessimista dos gregos sobre os efeitos da velhice na vida humana, interferindo negativamente até mesmo no âmbito das relações eróticas, tão cheias de prazeres e delícias no contexto festivo do banquete. Não é conveniente que o velho se exponha aos riscos de Ares, mas é igualmente problemático que queira continuar se expondo às delícias de Afrodite. O pessimismo dos versos de Mimnermo é tão grande no que diz respeito ao tema, que ele chega a propor a morte como alternativa preferível à velhice. Segundo a formulação do fr. 6 W (trad. Teodoro Rennó Assunção): “que, pois, sem doenças e sem penosos cuidados/ ao sexagenário atinja o destino de morte”.

Da perspectiva axiológica assumida pela maioria dos gregos do Período Arcaico, após a chegada da idade, convém aceitar a necessidade de reti-

rar-se de certas atividades, e ainda que nem todos estivessem dispostos a aceitar o radicalismo dessa formulação de Mimnermo, parece bem atestada a ideia de que as atividades da guerra e do amor sejam próprias da juventude, mas não da velhice. Aspectos fisiológicos, portanto, fundamentam esses direcionamentos morais. Em termos sociais, por outro lado, alguns trechos dos cancionários arcaicos poderiam ser citados para indicar de que forma respeito e precedência de palavra são concedidos aos mais velhos como reconhecimento da capacidade que eles costumam demonstrar para conselhos com sabedoria e prudência. Na *Iliada*, por exemplo, inúmeras são as passagens em que Nestor é representado aconselhando o melhor curso de ação para seus companheiros e sendo honrado justamente por isso (*Iliada*. 6.66; 10.204; 9.111; 11.790 etc.).

Alguns trechos do repertório hesiódico poderiam ser citados para reforçar esse conjunto de práticas e valores: tanto certo louvor da juventude (como uma idade especial para a ação efetiva), quanto certa condenação da velhice (como uma idade de dores e desassossegos). É o que fica ressaltado em versos específicos do mito de Pandora e do mito das gerações metálicas, em *Trabalhos e dias* (93, 114, 185), mas também na *Teogonia* (604). No que diz respeito às ações próprias para cada grupo etário, algo semelhante ao que aparece no repertório homérico vem exposto também num verso hesiódico que o gramático Aristóphanes anotou (segundo Harpocrácio) (Hesíodo fr. 271 Most, 321 M-W) e que pode ter pertencido à obra intitulada “Preceitos de Quíron”: “Os trabalhos são próprios dos jovens; os conselhos, daqueles de meia-idade; e as preces, dos velhos”. Segundo a sintética formulação original: ἔργα νέων, βουλὰὶ δὲ μέσων, εὐχαὶ δὲ γερόντων.

Apesar de a palavra “erga” não se restringir a isso, quando se pensa no conjunto do cancionário atribuído a Hesíodo, é possível sugerir que subjaz aí uma divisão em três idades pautadas sobretudo pela compreensão do trabalho no interior de uma comunidade: a primeira dessas idades seria formada por jovens ainda aptos aos trabalhos mais pesados; a segunda, por homens maduros, capazes de oferecer conselhos úteis aos primeiros; a terceira, por velhos, cuja única contribuição seriam as preces. Subjacente a essa ocupação destinada aos mais idosos está a ideia de que a proximidade da morte faz com que eles se mostrem mais piedosos e reverentes, justamente por temor ao *post mortem* (Anacreonte. fr. 395; Platão. *República*. 1.329a-331e).

Podemos especular sobre as idades específicas que constituiriam esses grupos etários com base em dois trechos de *Trabalhos e dias*, nos quais a persona compartilha conselhos e admoestações de caráter prático com seu público:

*[...] Uma parelha de bois de nove anos,
Machos, consegue pra ti: são fortes, não cansam.
No auge da idade, melhor pro trabalho.
Não brigarão na lavoura, quebrando o arado
E nem deixarão, por conta disso, trabalho incompleto.
Vai junto com eles robusto varão, quarenta anos,
Que tenha comido um quarto de um pão que basta pra oito;
Sério no trabalho, traça o sulco direito;
Não cuida da vida dos outros, mas é justo na obra
Que tem atenção. Outro, mais jovem, em nada melhor,
Distribui as sementes e evita exagero na semeadura.
Este mais novo distrai-se com outros de mesma idade
(*Trabalhos e dias*. 438-447, trad. Luiz Otávio Mantovaneli, mod.)*

O segundo trecho é este:

*Guarda a medida! A oportunidade é o que há de melhor.
Na hora adequada leva a tua mulher para casa,
Quando não estejas longe dos trinta nem em muito
Os ultrapasse. Este é o tempo do casamento.
Já a mulher, quatro anos púbere permaneça e no quinto se case.
(*Trabalhos e dias*. 694-698, trad. Luiz Otávio Mantovaneli)*

Com base nessas passagens, podemos dizer que havia a expectativa de que certas atividades fossem desempenhadas por pessoas de idades específicas na Grécia do Período Arcaico. Homens deveriam se casar por volta dos 30 anos. Mulheres, ou melhor, moças, deveriam ser desposadas alguns anos depois da primeira menstruação (com algo como 16 ou 18 anos). Aqui está subentendida a necessidade do casamento com fins de reprodução, levando-se em conta o interesse da comunidade. Por outro lado, homens jovens não deveriam ser incumbidos de muitas responsabilidades, sobretudo na companhia de outros jovens, mas sempre sob a supervisão de algum homem já maduro (com cerca de 40 anos). Além

do trabalho de reprodução, outras passagens indicam a expectativa de que mulheres desempenhassem também trabalhos domésticos (*Teogonia*. 590-612; Semônides. fr. 8.83-93 Adrados).

A partir desse panorama inicial, consideremos agora o cancionero atribuído a Sólon, cuja vida parece ter se dado entre 630 e 560 AEC. Seus versos apresentam variadas concepções e valores sobre as idades humanas, às vezes em consonância com os princípios tradicionais já apresentados, às vezes em ligeira oposição a eles. Embora essas inconsistências pudessem sugerir a existência de contradições no interior de seu repertório, é importante que se leve em consideração o contexto de *performance* oral desse material a fim de que uma interpretação historicamente fundamentada possa ser avançada, bem como uma compreensão mais arguta de sua posição. Nesse sentido, o fato de que Sólon fosse de uma família aristocrática, vivendo na Atenas do Período Arcaico, indica que a ocasião de *performance* por excelência de seus versos era o banquete.

A dimensão simposiástica da obra de Sólon foi trabalhada por Elizabeth Irwin (2005), que demonstrou seus desdobramentos para a compreensão do que está em jogo para essa figura, cujas contribuições para os campos legislativo, político e poético foram tão relevantes para a cultura ateniense dos séculos seguintes. Os jogos intertextuais com a tradição poética então vigente nesse tipo de ambiente eram responsáveis pela defesa de valores relativamente consensuais no interior dos grupos sociais que frequentavam tais ocasiões, como é o caso da representação negativa da velhice. No final de um fragmento elegíaco dedicado a uma crítica do acúmulo de riqueza, Sólon (18 G.-P.² = 24 W.²) representa assim os males da idade avançada:

*Igualmente ricos são, com efeito, aquele que tem muita prata,
ouro, prados de terra nutriz,
cavalos e mulas, e aquele que apenas tem isto:
da barriga, das costelas e dos pés passar bem[,
de filho e de mulher – e, assim que isso ocorre,
a juventude, em boa hora, faz-se harmoniosa].
Isso é abundância aos mortais: pois com todas as imensas
posses ninguém segue para o Hades
e, mesmo que a alforria pagasse, não evitaria morte, nem graves*

doenças, nem molesta velhice que sobreviesse.

(Sólon. 18 G.-P.² = 24 W.², trad. nossa)⁴.

Há aqui, portanto, uma afirmação tradicional dos aspectos negativos da velhice. Detectamos, contudo, uma curiosa reflexão modalizando os bens tão amiúde associados à juventude. Ainda que os versos sejam suspeitos de interpolação, cumpre destacar que eles trazem uma espécie de contraposição à homogeneidade com que a juventude costuma ser elogiada no Período Arcaico: afinal, só é possível afirmar que a juventude realmente se revele harmoniosa quando o homem apresenta boa saúde e disposição física, mas também seja bem-aventurado em termos de mulher e prole. Esses fatores aparecem, portanto, como condicionantes de uma juventude digna de ser cantada. A importância de todos esses elementos será devidamente elaborada na sequência do argumento.

Apesar do que pode haver de tradicional na perspectiva negativa sobre a velhice (no trecho supracitado), é emblemático que essa mesma perspectiva venha a ser transformada em outro trecho do repertório de Sólon (26 G.-P.² = 20 W.²), no qual, mencionando explicitamente um verso do próprio Mimnermo (fr. 6 W.²), sugere-se a continuação da vida até os 80 anos como algo melhor do que a morte aos 60.

“Que sexagenário eu alcance o quinhão da morte.”

Mas se por mim também agora ainda te persuadires, retira isso, e não consideres excessivo que eu melhor do que ti comente, mas refaze-o, Ligiastades, e canta assim:

“Que octogenário eu alcance o quinhão da morte.”

(Sólon. 26 G.-P.² = 20 W.², trad. nossa)⁵.

⁴ No original: ἴσόν τοι πλουτέουσιν ὅτῳ πολὺς ἄργυρός ἐστι/ καὶ χρυσὸς καὶ γῆς πυροφόρου πεδία/ ἵπποι θ' ἡμίονοί τε, καὶ ὦ μόνα τ' αὐτὰ πάρεστι,/ γαστρί τε καὶ πλευραῖς καὶ ποσὶν ἄβρᾶ παθεῖν[./ παιδός τ' ἡδὲ γυναικός, ἐπὴν καὶ ταῦτ' ἀφίκηται,/ ἥβη σὺν δ' ὥρῃ γίγνεται ἁρμοδίη]./ ταῦτ' ἄφενος θνητοῖσι· τὰ γὰρ περιώσια πάντα/ χρήματ' ἔχων οὐδεὶς ἔρχεται εἰς Αἴδεω,/ οὐδ' ἂν ἄποινα διδοὺς θάνατον φύγοι οὐδὲ βαρείας/ νούσους οὐδὲ κακὸν γῆρας ἐπερχόμενον.

⁵ No original: <ἐξηκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου.>/ ἀλλ' εἴ μοι καὶ νῦν ἔτι πείσεαι, ἔξελε τοῦτο,/ μὴδὲ μέγαιρ' ὅτι σεῦ λῶον ἐπεφρασάμην,/ καὶ μεταποιήσον, Λιγυαστάδῃ, ὧδε δ' αἶειδε:/ 'ὄγδωκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου.'

Mesmo reconhecendo o que há de molesto na velhice, em conformidade com a visão tradicional sobre o tema, Sólon não hesita em estabelecer um jogo alusivo com o repertório elegíaco de Mimnermo, permitindo-se corrigi-lo de forma bem-humorada. Segundo leituras biografizantes, isso teria sido feito por um Sólon já sexagenário, disposto a reconhecer as belezas e as delícias que a vida poderia continuar a oferecer para alguém nessa idade. As principais fontes antigas para anedotas sobre Sólon são as *Histórias*, de Heródoto, a *Constituição dos atenienses* (atribuída a Aristóteles) e a *Vida de Sólon*, escrita por Plutarco. Segundo o que se depreende dessa tradição biográfica, Sólon realmente teria sido longo e saudável, fato que daria azo a se depreender desse jogo poético com Mimnermo uma afirmação pessoal – em oposição a uma visão hegemônica – baseada numa experiência subjetiva da velhice com o objetivo de propor uma nova consideração sobre o tema. Que essa nova consideração possa eventualmente se tornar tradicional é algo inerente ao funcionamento de uma produção poética oral, uma vez que a transmissão depende da assimilação desses versos a *reperformances* orais difundidas o bastante para garantir que eles sobrevivam até um momento posterior de textualização⁶.

Uma especulação fundamentada nas idiosincrasias biográficas do indivíduo Sólon, contudo, ultrapassa os limites aceitáveis de um procedimento hermenêutico seguro desse material poético, sendo preferível sugerir o seguinte: o repertório atribuído a Sólon compartilha de valores aristocráticos tradicionais, como o elogio da juventude, da beleza, das boas ações e das virtudes, introduzindo ligeiras modalizações na forma como os representa (Assunção, 2003). Um dístico capaz de condensar muito bem esses valores – no interior do quadro regido por uma relação pederástica – é o seguinte: “Que até às amáveis flores da juventude ele adore um rapaz,/ desejoso de coxas e de uma doce boca” (Sólon. 16 G.-P.² = 25 W.², trad. nossa)⁷.

A compreensão da obra poética de Sólon, no entanto, deve levar em conta ainda sua atividade como político e legislador durante o século VI AEC. Seu famoso “poema das idades” (fr. 23 G.-P.2 = 27 W.2), julgado apenas a

⁶ Para desenvolvimentos mais profundos dessa linha de raciocínio, com outras indicações bibliográficas, ver: Silva (2022, p. 197-230) (para os repertórios homérico e hesiódico); Silva (2022, p. 236-262) (para outros repertórios poéticos).

⁷ No original: ἔσθ' ἥβης ἐρατοῖσιν ἐπ' ἄνθεσι παιδοφιλήσῃ/ μηρῶν ἱμεῖρων καὶ γλυκεροῦ στόματος.

partir de critérios aplicáveis a poesias elegíacas tradicionalmente executadas durante os banquetes, encontrou uma avaliação muito negativa por parte dos mais diversos intérpretes, que o julgaram carente de recursos poéticos e de refinamento composicional. Ainda assim, o que se encontra nesses versos é uma tentativa de complexificar as fases tradicionais da vida humana, propondo uma nova divisão em fases de sete anos, dentro das quais haveria transformações fisiológicas e demarcações das atividades e expectativas mais apropriadas às pessoas de certas faixas etárias. Vejamos o que dizem estes versos:

*A criança impúbere, sendo ainda infante, a cerca dos dentes
primeiro descarta quando cresce, por volta dos sete anos.
Quando acaso então imlemente um deus os outros sete anos,
manifestam-se sinais da puberdade que chega.
No terceiro, crescendo ainda nos membros, o queixo
empluma e a flor da pele cambia.
No quarto setênio, todo homem se faz o mais valoroso
em força, com a qual os varões têm sinais de excelência.
No quinto, ser um homem maduro, lembrado do casamento,
e buscar doravante a geração de crianças.
No sexto, para tudo se prepara a mente do varão
e já não quer mais praticar obras desregradas.
Aos sete setênios, na mente e na língua é o mais valoroso,
e aos oito: em ambos, quatorze anos ao todo.
No nono ainda é capaz: mas dele são mais moles –
para uma grande excelência – a língua e a sabedoria.
Se ao décimo alguém seguindo a medida chegar,
não sendo imaturo, o quinhão da morte terá.*
(Sólon. 23 G.-P.² = 27 W.², trad. nossa).⁸

⁸ No original: παῖς μὲν ἄνηβος ἐὼν ἐτι νήπιος ἔρκος ὀδόντων/ φύσας ἐκβάλλει
πρῶτον ἐν ἔπτ' ἔτεσιν./ τοὺς δ' ἐτέρους ὅτε δὴ τελέσῃ θεὸς ἔπτ' ἐνιαυτοὺς,/ ἥβης
ἐκφαίνει σήματα γιγνομένης./ τῇ τριτάτῃ δὲ γένειον ἀεζομένων ἐτι γυῖων/ λαχνοῦται,
χροίης ἄνθος ἀμειβομένης./ τῇ δὲ τετάρτῃ πᾶς τις ἐν ἐβδομάδι μέγ' ἄριστος/ ἰσχύν, ἥ
τ' ἄνδρες σήματ' ἔχουσ' ἀρετῆς./ πέμπτῃ δ' ὥριον ἄνδρα γάμου μεμνημένον εἶναι/
καὶ παίδων ζητεῖν εἰσοπίσω γενεήν./ τῇ δ' ἕκτῃ περὶ πάντα καταρτύεται νόος ἀνδρός/
οὐδ' ἔρδειν ἔθ' ὁμῶς ἔργ' ἀπάλαμν' ἐθέλει./ ἑπτὰ δὲ νοῦν καὶ γλῶσσαν ἐν ἐβδομάσιν
μέγ' ἄριστος/ ὅκωτ' ἄμφοτέρων τέσσαρα καὶ δέκ' ἔτη./ τῇ δ' ἐνάτῃ ἐτι μὲν δύναται,
μαλακώτερα δ' αὐτοῦ/ πρὸς μεγάλην ἀρετὴν γλῶσσά τε καὶ σοφίη./ τὴν δεκάτην δ' εἴ
τις τελέσας κατὰ μέτρον ἴκοιτο,/ οὐκ ἂν ἄωρος ἐὼν μοῖραν ἔχοι θανάτου.

Em vista da exposição anterior, é evidente que esses versos abordam o tema das idades trazendo retomadas e diferenciações à perspectiva tradicional. Apesar dessa novidade, estudiosos como Campbell (1967, p. 247) e Adkins (1985, p. 132) contrapõem a falta de qualidade poética desses versos àquela que destacam no repertório elegíaco tradicional, defendendo que os seguintes elementos estilísticos seriam reprováveis: 1) sua pretensão de equilíbrio entre cada período de sete anos no interior de um único dístico elegíaco; 2) a monotonia gerada por tal pretensão; 3) sua incapacidade de seguir esse arranjo simples estipulado por ele mesmo – com uma quebra responsável por gerar um óbvio efeito dissonante no sétimo dístico elegíaco. Além disso, seu último dístico estaria em franca contradição com o que Sólon defendera no fragmento já citado, em que “corrige” Mimnermo (26 G.-P.² = 20 W.²).

Ainda assim, em estudos recentes, esse fragmento tem recebido uma interpretação mais consciente daquilo que se encontra em jogo para Sólon, encontrando seu valor poético devidamente reconhecido. As interpretações de Thomas Falkner (1990) e Teodoro Rennó Assunção (2001) destacam a reflexão política presente nesse poema – cujo equilíbrio entre o número de dísticos e os setênios apontaria para um desejo de objetividade e justiça no âmbito da pólis. A primeira metade do poema é dedicada ao estabelecimento de arranjos cronológicos pautados por mudanças fisiológicas no corpo de um futuro cidadão: aos 7 anos, a troca da primeira dentição; aos 14, o surgimento dos primeiros sinais da puberdade; aos 21, o crescimento dos membros e o aparecimento da barba (quando já está apto a iniciar as atividades militares); aos 28, a chegada ao ápice de sua força física, aspecto que é considerado sinal de excelência entre jovens varões. Na segunda metade do poema, após uma consideração sobre o dever cívico de se casar e ter filhos para gerar novos cidadãos para a pólis – no setênio que tem início a partir dos 35 anos e que está basicamente em conformidade com o que encontramos em Hesíodo (*Trabalhos e dias*. 694-698) –, as mudanças morais e éticas são responsáveis por definir os novos arranjos etários: aos 42 anos, o amadurecimento mental e uma recusa da prática de obras desregradas; aos 49, a chegada ao ápice de sua capacidade intelectual e retórica – fase que duraria por dois setênios, ou seja, por quatorze anos; aos 63, a manutenção de alguma capacidade ainda, embora certo declínio da aptidão para a excelência política já tenha começado; aos 70, esse cidadão, tendo vivido conforme a boa medida, alcança o quinhão da morte.

Tal como sugerido por Assunção (2001, p. 429), o arranjo estrófico dessa elegia mantém um equilíbrio interessante entre suas duas metades – a

primeira dedicada à infância-juventude e à excelência física (militar), a segunda, à maturidade-velhice e à excelência política (deliberativa) –, tendo ao meio, o dístico elegíaco dedicado ao casamento e à geração de filhos (em momento que coincide com a *akmé*, ou seja, o ápice da vida humana). Atentando para o valor político dessa sugestão de um novo arranjo etário, Assunção ressalta que a aparente quebra no equilíbrio sugerido a princípio (um setênio para cada dístico), ao conferir dois setênios ao período da excelência política – no sétimo dístico –, chama a atenção para a importância dessa esfera em contraposição à esfera da excelência física. Ou seja, ele parece sugerir que a excelência política é duas vezes superior à física. Dessa forma, Sólon consegue se contrapor à visão tradicionalmente negativa da velhice, revisando a dicotomia entre juventude e velhice por meio de um novo arranjo etário, no qual os diferentes cidadãos atenienses poderiam se projetar a fim de estabelecer um comportamento regrado em suas próprias vidas, com a possibilidade de contribuir com o seu melhor pelo bem comum. Não é à toa que o tema da medida [*métro*n] seja tão importante para esse poema e para a obra política de Sólon como um todo (Assunção, 2001, p. 431).

Apesar da aparente contradição interna ao repertório de Sólon – quando prevê a morte aos 70 anos, por contraposição ao trecho em que faz o voto de que se torne octogenário –, é possível lidar com a questão de duas formas complementares. Por um lado, se pensarmos que o poema das idades propõe uma reflexão sobre a vida do homem à luz dos desenvolvimentos que propiciam sua contribuição à pólis (como guerreiro, como pai e como conselheiro), após os 70 anos não haveria mais possibilidades de participação efetiva na vida pública. Individualmente, alguém poderia chegar aos 80 anos, mas suas contribuições para a pólis dificilmente seriam notáveis após os 70. Por outro lado, se considerarmos que certas ocasiões de *performance* podem “exigir” uma resposta como a que é dada ao verso de Mimnermo, outras acabam sendo abordadas de forma mais conveniente com o que se propõe no poema das idades. Imaginando que esse repertório poético foi transmitido oralmente durante muito tempo após a morte do próprio Sólon, é preciso supor que ocasiões diferentes (com recitadores e públicos diferentes) pudessem se valer de forma igualmente proveitosa das diferenças com que esses versos abordam as mesmas questões.

A partir dessa breve exposição de alguns dos posicionamentos – aparentemente contraditórios – esboçados por Sólon com relação ao tema das idades, é possível sugerir que, mais do que propor uma visão única e estanque sobre o assunto, o poeta tenha proposto diferentes reflexões em versos

compostos para diferentes ocasiões de *performance*. Nesse sentido, o fato de que o banquete aristocrático fosse um dos principais momentos de composição e escuta dessas obras justifica a flexibilidade com que esses pontos aparecem tratados. Essa mesma flexibilidade poderia, inclusive, justificar a longevidade de muitos desses versos que certamente foram transmitidos por uma longa tradição oral: caso eles não fossem flexíveis o bastante para se adaptar às mais diversas ocasiões, seria de se esperar que não tivessem sobrevivido até sua textualização definitiva em algum momento dos séculos V, IV ou III AEC, provavelmente passando pelas mãos dos estudiosos da Biblioteca de Alexandria para sua transmissão posterior.

Ao mesmo tempo, cumpre destacar que a contribuição de Sólon para uma reflexão mais empática à questão da velhice acaba por se tornar ela própria tradicional. Não apenas porque tenha continuado a ser entoada em banquetes atenienses no Período Clássico, mas também porque chega a brotar e florescer nas reflexões de outros autores pelos séculos seguintes. Exemplar disso é o que afirma Xenofonte – um autor cujos escritos frequentemente demonstram notáveis afinidades axiológicas com Sólon – num trecho de seu *Banquete* (4.17), que servirá de conclusão às nossas reflexões sobre o tema das idades entre os gregos antigos. Aqui, o personagem Critóbulo defende o seguinte:

*Não se deve desonrar a beleza porque rapidamente chega ao fim, pois se a criança é bela, da mesma forma também são o adolescente, o homem adulto e o velho. Testemunho disso temos com os celebrantes das Talofórias para Atena, uma vez que escolhem os velhos bonitos para participarem do desfile, indicando que há beleza em todas as idades. (Xenofonte, Banquete 4.17).*⁹

Documentação escrita

GENTILI, Bruno; PRATO, Carlo (eds.). *Poetae elegiaci*. Vol. I-II. 2. ed. Leipzig: Teubner, 1988-2002.

⁹ No original: ἀλλ' οὐδὲ μέντοι ταύτῃ γε ἀτιμαστέον τὸ κάλλος ὥς ταχὺ παρακμάζον, ἐπεὶ ὥσπερ γε παῖς γίγνεται καλός, οὕτω καὶ μεῖράκιον καὶ ἀνὴρ καὶ πρεσβύτης. τεκμήριον δέ: θαλλοφόρους γὰρ τῇ Ἀθηνᾷ τοὺς καλοὺς γέροντας ἐκλέγονται, ὥς συμπαρομαρτοῦντος πάσῃ ἡλικίᾳ τοῦ κάλλους.

- HESIOD. *Theogony. Works and Days. Testimonia*. Edited and translated by G. W. Most. London, Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, estudo e notas Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Editora, 2011.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- MIMNERMO. Elegias. In: ASSUNÇÃO, Teodoro R. Juventude e velhice: Mimnermo. *Kleos*, v. 3, n.3, 2000, p. 158-171.
- OLON. Poetic Fragments. In: NOUSSIA-FANTUZZI, Maria (ed.). *Solon the Athenian, the Poetic Fragments*. Leiden; Boston: Brill, 2010.
- TEÓGNIS. Elegias. In: BRUNHARA, Rafael C. M. *Uma poética do simpósio: A performance da elegia grega arcaica na Teognidea*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas), Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- TIRTEU. Elegias. In: ASSUNÇÃO, Teodoro R. A morte política em Tirteu. *Kleos*, v. 1, 1997, p. 33-46.
- WEST, Martin L. (ed.). *Iambi et elegi Graeci ante Alexandrum cantati*. Vol. I-II. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989-1992.
- XENOPHON. *Xenophontis Opera Omnia*. 5 v. Edidit E. C. Marchant. Oxford: Clarendon Press, 1900-1921.

Referências bibliográficas

- ADKINS, Arthur W. H. *Poetic Craft in the Early Greek Elegists*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- ASSUNÇÃO, Teodoro R. Breve comentário sobre o poema das idades de Sólon. In: MENDES, Eliana A. de M.; OLIVEIRA, Paulo M.; BENN-IBLER, Veronika (orgs.). *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 423-432.
- _____. Nota sobre a correção de Mimnermo por Sólon (26 G. e P.). *Clássica*, v. 15/16, 2003, p. 51-62.
- CAMPBELL, David A. *Greek Lyric Poetry*. New York: St. Martin's Press, 1967.
- FALKNER, Thomas. The Politics and Poetics of Time in Solon's "Ten Ages". *The Classical Journal*, Miami, v. 86, n. 1, 1990, p. 1-15.

IRWIN, Elizabeth. *Solon and Early Greek Poetry: The Politics of Exhortation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SILVA, Rafael G. T. *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.